

INFLUÊNCIA DA RELAÇÃO SOGRA-NORA NA SUCESSÃO FAMILIAR.

Edson Savoldi

Especialização em Desenvolvimento Regional Sustentável

edsonsavoldi@yahoo.com.br

Me. Celso Zarpellon

celsoz@unochapeco.edu.br

SAVOLDI; Edson. **Influência da relação sogra-nora na sucessão familiar.** Artigo de conclusão do curso de Especialização em Desenvolvimento Regional Sustentável. Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Chapecó, 2016.

Este artigo pretende abordar a sucessão na unidade de produção familiar, tendo como pano de fundo a relação estabelecida entre sogra e nora. O tema sucessão na agricultura familiar é algo muito complexo e que envolve uma série de fatores, tais como as condições financeiras da família, o tamanho da unidade de produção, bem como as relações interpessoais e parentais. Quanto a relação sogra-nora, pode-se dizer que esta é uma das relações mais conflituosas das famílias em nossa sociedade. Neste sentido, buscou-se, por meio de entrevistas com mulheres que conviveram com as famílias de seus cônjuges, identificar se esta relação contribuiu na tomada de decisão em deixar a vida no campo e migrar para o meio urbano.

Palavras-chave: Sucessão familiar. Agricultura Familiar. Sogra. Nora

ABSTRACT

SAVOLDI; Edson. **Influência da relação sogra-nora na sucessão familiar.** Artigo de conclusão do curso de Especialização em Desenvolvimento Regional Sustentável. Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó. Chapecó, 2016.

This article intends to approach the succession in the unit of family production, having as background the relationship established between mother-in-law and daughter-in-law. The theme of succession in family agriculture is something very complex and involves a number of factors, such as the financial conditions of the family, the size of the production unit, as well as interpersonal and parental relationships. As for the mother-in-law relationship, it can be said that this is one of the most conflictive relationships of families in our society. In this sense, it was sought, through interviews with women who lived with the families of their spouses, to identify if this relationship contributed in the decision making in leaving the life in the field and migrating to the urban environment.

Keywords: Family succession. Family farming. Mother in law. Daughter in law.

1. INTRODUÇÃO

O processo de sucessão nas unidades de produção familiar é tema estudado por uma gama significativa de pesquisadores. Abramovay (1998) destaca que a sucessão das propriedades rurais não deve ser abordada apenas como uma questão microeconômica de administração.

O processo de sucessão nas unidades de produção familiar é algo muito complexo, vai para além dos dados e números. Por vezes, os números representam apenas os aspectos financeiros. Porém, a que se pensar para além disso, existe a questão fundiária, a questão econômica e existem também as questões interpessoais e parentais. E este último, é que trata a pesquisa, mais especificamente a relação sogra e nora. Esta, que por vezes, apresenta-se conflituosa e tensa também no mundo camponês, podendo influenciar no processo de sucessão das unidades de produção familiar.

Neste sentido, considerando os aspectos que permeiam a sucessão na unidade de produção familiar, elencamos o seguinte problema de pesquisa: as relações de gênero, especialmente a relação sogra/nora, pode contribuir para a efetivação, ou não, do processo de sucessão familiar na unidade de produção?

Objetiva-se centralmente com a pesquisa, a identificação e análise de aspectos que influenciaram ou contribuíram para a opção em não mais permanecer no meio rural, junto à família paterna.

Sendo assim, esta pesquisa se justifica pela perspectiva de estender o olhar para além dos aspectos econômicos, sociais e políticos que permeiam a sucessão familiar. Ao selar o compromisso em cuidar dos pais e dar continuidade a sucessão familiar, esse acordo é feito com o filho e não com a nora e muitos relacionamentos são interrompidos por esse motivo.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1. A colonização do Oeste.

O processo de colonização do oeste catarinense não aconteceu por acaso. Com o fim da Guerra do Contestado (1912-1916), havia o interesse do governo catarinense em povoar a região. A povoação teve início a partir das décadas de 20 e 30 do século passado, com a migração de famílias oriundas do estado do Rio Grande do Sul, em sua grande maioria, descendentes de italianos e alemães. Esta onda migratória, fomentada pelo estado de Santa Catarina, incentivou e acelerou a vinda de milhares de famílias gaúchas para a região, convencidas de que aqui encontrariam terra boa, fartura e prosperidade.

No período posterior à Guerra do Contestado (WERLANG, 2006; RENK, 1997), o estado catarinense intensificou o apoio às colonizadoras através de acordos de concessão de vendas de imensas glebas de terra consideradas devolutas. Por parte do Estado, havia um interesse grande de que essas terras fossem adquiridas por colonos vindos especialmente do Rio Grande do Sul, por entender que possuíam boa índole e condições de honrar o pagamento das terras. Vale destacar que, para as colonizadoras e o próprio Estado, os luso-brasileiros e os

indígenas eram considerados violentos, sem vontade para o trabalho e com o pensamento voltado apenas ao hoje, sem perspectiva para o amanhã (RENK, 2004). Na contramão, os colonos descendentes em sua grande maioria de italianos e alemães, vinham imbuídos de um pensamento capitalista de exploração, de acumulação e de prosperidade. O modelo de colonização do oeste catarinense é caracterizado pela forte presença da agricultura familiar, tendo ela um papel preponderante no desenvolvimento da região.

O processo de colonização de Formosa do Sul, que até 1992 pertencia à Quilombo, não difere dos demais municípios da região oeste de Santa Catarina. As levas de famílias italianas e alemãs, em sua grande maioria vindas do vizinho estado gaúcho, que migraram para o oeste em busca de novas terras e prosperidade, também fixaram residência em Vila Formosa, hoje Formosa do Sul. Os relatos dos antigos moradores remete a tempos difíceis, com dificuldade de acesso, devido à grande distância de centros maiores. Os depoimentos remetem a uma região coberta por vasta vegetação e rica em mananciais de água (ONGHERO, 2012).

2.2. Agricultura Familiar e o processo de sucessão na unidade de produção

Santa Catarina é um estado com significativo destaque no cenário nacional no que tange a produção de alimentos, exibindo altos índices de produtividade por área. A estrutura central deste modelo de produção é a agricultura familiar que, segundo dados do MDA (2009), é responsável pela produção de grande parte dos alimentos consumidos no Estado e no país, sendo também, responsável pela ocupação da maior parte da população que reside no meio rural. Mesmo sendo um estado com significativo destaque na produção agrícola, seguindo os dados do CENSO 2010, observa-se que apenas 21,25% da população do estado ainda reside no meio rural. Este dado, se comparado aos levantamentos anteriores, nos mostra o significativo êxodo vivido no campo.

No sul do país, ainda nos anos de 1990, as unidades familiares agrícolas foram perdendo seus sucessores com a saída dos jovens do meio rural. Neste contexto, o esvaziamento se ancora no acesso à melhores condições de estudo, insatisfação com o ganho obtido na agricultura e a imagem negativa do trabalho agrícola (WEISHEIMER, 2005; MENDONÇA et al., 2008).

O abandono, ou migração do meio rural rumo aos centros urbanos é, na grande maioria dos casos, um tema associado aos jovens. Castro (2009) diz que esta migração pode representar uma estratégia de reprodução familiar, uma forma de manutenção da propriedade familiar ou ainda um modo de romper com a autoridade paterna.

Em Santa Catarina, mais especificamente na região Oeste, a permanência na profissão dos pais pela maioria dos filhos de agricultores, é ainda algo desejado. Porém, para uma boa parcela desta juventude tal desejo não se concretiza por uma série de fatores (ABRAMOVAY, 2000). Entre os principais, destaca-se a falta de capital para investimentos, falta de novas oportunidades e falta de terra suficiente para o cultivo de forma rentável.

Neste processo de sucessão, a transferência das propriedades acaba ocorrendo através de doação a um ou mais filhos. O planejamento e a discussão da sucessão não acontece numa

significativa porcentagem das propriedades familiares, pois na maiorias das vezes este é um compromisso selado com os sucessores, principalmente quando se trata do cuidado dos pais até o fim da vida (AHLERT, 2009).

O procedimento de sucessão é o rito de passagem de poder e também de capital entre a geração que atualmente dirige e a que virá a dirigir determinada organização. Assim também, podemos comparar com as unidades de produção familiar, sendo ele um processo lento e gradual, com variações de família para família, e quanto mais cedo for realizado, melhor para os membros do grupo familiar (CARVALHO, 2007; ALHERT, 2009).

Ainda com relação a sucessão nas unidades de produção familiar, Castro (2012) destaca que ela ocorre por meio da transferência da propriedade da terra, herança patrimonial da família, segue padrões como o minorato ou primogenitude (onde o filho mais novo ou mais velho é o herdeiro preferencial), dentre outras formas, sendo estas estratégias para manter a pequena propriedade familiar indivisível e com isso evitar que se pulverize.

A sucessão é um procedimento ancorado em três componentes: a transferência patrimonial, a continuação da atividade profissional paterna e a retirada das gerações mais velhas do comando do negócio (LEONE, 1991; SILVESTRO et al., 2001; ABRAMOVAY, 2001).

Para além dos aspectos acima mencionados, a pesquisa buscou identificar um outro fator que pode contribuir na difícil tarefa de estabelecer a sucessão na unidade de produção familiar. Trata-se da relação sogra-nora, a qual abordamos a seguir.

2.3.A relação sogra/nora.

Pode-se dizer que o relacionamento entre sogra e nora é considerado como um dos mais problemáticos entre todas as relações familiares. No entanto, há pouca literatura específica a respeito. Não raras vezes, a figura da sogra é descrita com preconceito e de forma estereotipada. Essa maneira de enxergar a relação sogra-nora não é exclusiva da sociedade ocidental. Sabe-se, que esta relação é descrita como problemática também em outras culturas há muito tempo e vem sendo reproduzida ao longo de gerações. No Islamismo, até hoje, a nora não deve questionar o poder da sogra, tendo que respeitar a hierarquia familiar. Na Turquia, a nora é tratada como filha, se for prestativa e submissa a sogra (Batista, 2004). Ainda quanto ao estereótipo sogra, Rossi (1994), enfatizou que a figura tornou-se um mito, em todas as culturas sua imagem está associada a de uma pessoa inoportuna.

A literatura define a relação sogra-nora como uma relação interpessoal, na qual se configuram e se estabelecem de maneira formal o papel de cada uma. É uma relação de parentesco obrigatória, na qual sogra e nora são oriundas de famílias diferentes, com crenças, valores e hábitos de certa forma, incompatíveis. Ambas possuem uma coisa em comum, que é o marido/filho. E a partir de então, estabelecem uma relação que pode ser benéfica ou hostilizada e competitiva (Rossi, 1994).

Ao longo da vida, a mulher desempenha vários papéis e o de sogra e nora são delicados e ambivalentes. Tensões e conflitos podem surgir. A literatura sobre o assunto

mostra que são muitos os fatores que influenciam estas relações. Pode-se considerar desde o grau de instrução, aos fatores sócio demográficos, a moradia, problemas de saúde ou financeiros e a chegada dos filhos/netos.

Woortmann (1987) ilustra essa ideia dizendo que “quando você se casa com uma mulher, você se casa com uma família”. O irmão passa a ser cunhado, a irmã cunhada, o pai sogro e a mãe, sogra. Esta última é um personagem que carrega muitas conotações e por vezes comentários jocosos. Leitão (1988) relata esse preconceito, “o sogro é visto como um segundo pai, um amigo; já a sogra é vista como a velha chata, linguaruda, que sempre mete o nariz onde não é chamada. O mesmo ocorre com a nora, que é vista como a rival, aquela que rouba o filho, enquanto o genro é tido como um filho, para quem a mãe da mulher faz os melhores doces”.

A relação sogra-nora ocorre a partir de uma relação de parentesco obrigatória e não escolhido, na qual nem sempre existe empatia. Esse aumento de tensão entre ambas pode ser resultado da percepção que sogra e nora observam e interpretam a mesma situação de forma diferente, pois existem culturas familiares distintas. Isto também se deve ao fato de as relações entre elas ser mais formal e ter menos sentimentos do que a relação entre mãe e filha (Sattler et al, 2010).

Para Durkheim (1973), o ser humano é, em grande parte, fruto do meio social em que vive e o convívio familiar tem papel fundamental na sua formação. A sociedade se apresenta como uma realidade externa e anterior ao indivíduo. A família desenvolve estratégias para que variadas questões, como matrimônio, herança, economia e educação, se reproduzam de uma geração para outra. Desse modo, a família tem um caráter conservador, pois nos leva a preservar e reverenciar as tradições. E isto se manifesta quando é chegado um filho/neto. Pois a partir deste momento existe mais um indivíduo ligado à elas. Sogra e nora divergem quanto a educação do filho/neto, uma vez que pertencem a gerações, parentescos e formas de educação diferentes.

Nos últimos dois séculos, a concepção hegemônica de família persistente foi a de um grupo social constituído pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos, o que se convencionou denominar familiar nuclear. O grupo familiar tende a se manter unido por relações sociais, econômicas e afetivas, mesmo quando seus membros não residem no mesmo ambiente. Se incluirmos nesse conjunto os ascendentes, descendentes e os que se agregam ao grupo familiar indiretamente, estaremos nos referindo a família extensa. Neste sentido, a família caracteriza-se como um grupo de pessoas cujos membros possuem entre si laços de parentesco, consanguíneo ou por afinidade e podem habitar, ou não, o mesmo domicílio. A instituição familiar é um espaço conflituoso, principalmente no que tange à algumas relações e neste ponto pode-se elencar a de sogra e nora, bem como, algumas vezes a de cunhadas.

No século XVI as elites portuguesas trouxeram para o Brasil o que chamamos de família patriarcal, um modelo em que a autoridade é do patriarca e passa apenas para os filhos. Freyre (1997, p. 18) destaca que “a família foi o grande fator colonizador do Brasil, ela é “a unidade produtora do capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia

colonial mais poderosa da América”. Na constituição de família tradicional, a matriarca também tem seu papel de destaque.

Segundo Clemens (1969) e Kahn (1963) a matriarca sempre cria mais dificuldades que qualquer outro parente. Há três décadas atrás pesquisas já mostravam a interferência dos sogros nos relacionamentos conjugais.

Ainda no que diz respeito a relação sogra-nora, inúmeros são os sentimentos que se desencadeiam; ciúme, inveja, raiva, tristeza, insegurança, amizade, amor, carinho, respeito. Esse misto de sentimentos será o balizador da relação que se estabelecerá entre sogra e nora. Neste sentido, o papel do marido/filho é fundamental para que o desenvolvimento da relação sogra-nora possa ser administrado de forma saudável, sabendo diferenciar o amor de mãe e o amor de esposa. Remete-se dizer que seu papel é o de um mediador.

É importante ressaltar que não só de sentimentos ruins se constrói a relação sogra-nora. Pode haver também sentimentos bons (Kahn, 1963). Para Rossi (1994) isto pode ocorrer quando ambas amadurecerem emocionalmente e tiverem condições de compreende-se mutuamente.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada no município de Formosa do Sul, localizado na região oeste do estado de Santa Catarina. O alicerce econômico é composto por uma agricultura consideravelmente bem estruturada. A bovinocultura de leite, por representar uma fonte de renda mensal, é a atividade principal e está presente na grande maioria das unidades familiares de produção. Outras atividades importantes são a avicultura e a suinocultura que, por meio do sistema de parceria com as agroindústrias da região, tem presença significativa. O campo é ainda responsável pela produção de grãos, tais como milho, soja, feijão e trigo.

O público-alvo desta pesquisa foram as mulheres, as quais residiram no campo e migraram para o meio urbano e que, ao casar, passaram a residir com a família do marido.

A pesquisa foi exploratória com enfoque qualitativo. Valemo-nos da observação e de entrevistas. O trabalho de campo foi realizado com famílias que residiam em comunidades rurais e migraram para o meio urbano. O critério de escolha das pessoas a serem entrevistadas deu-se aleatoriamente e considerando aquelas que dispuseram de tempo para nos receber, dispensaram esse tempo em responder e dispuseram de autonomia e boa vontade para tal.

Os dados a seguir demonstram que o município de Formosa do Sul acompanhou os números do êxodo rural vivenciados pelos municípios da região oeste de Santa Catarina. De uma população majoritariamente agrícola, em 1980, onde praticamente 91% de seus habitantes residindo no meio rural, contrasta hoje com a maior parte de sua população residindo no núcleo urbano.

Tabela 1: População município de Formosa do Sul

	População Total	População Urbana	População Rural
1980	3743	361	3373
1991	2714	543	2171
2010	2601	1084	1517
2016	2562	1742*	820*

Fonte: Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina S/d. IBGE – Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

*Números informados pela Secretaria Municipal de Saúde de Formosa do Sul.

Como forma de sintetizar as entrevistas, foram analisados alguns aspectos pertinentes, como a idade das entrevistadas, a relação de sociabilidade entre os membros da família nuclear na tomada de decisões e os motivos que levaram nora / marido a sair da propriedade e morar na cidade.

Foram quatro entrevistas, nomeadas respectivamente como caso 1, 2, 3 e 4. Tomemos o caso 1, a entrevistada tem 31 anos, a relação de convivência era de submissão, não questionava nenhuma decisão, também não participava pois como ela referiu-se na entrevista, “eu não participava pela questão de estar ali por um determinado tempo e sabia que ia sair, tínhamos esta intenção”. Explicitou também a diferença de cultura, de ideias, de hábitos. No que tange ao relacionamento sogra-nora, relatou que “sempre aceitava as decisões, pois como ela era mais velha, eu devia respeito”. Fala da privação de ter vontade de realizar coisas, mas de não ter feito porque o pensamento da sogra era diferente e quando apareceu uma oportunidade de trabalho, mudaram-se para a cidade.

Já no que se refere ao caso 2, o relacionamento sogra / nora mostrou-se bem conturbado. A entrevistada em questão tem 40 anos e ao casar foi morar com os sogros, relata que sogro e sogra decidiam tudo e que também havia intromissões por parte dos cunhados e cunhadas. Que a família possuía um bom patrimônio, porém, faltou experiência para gerenciar a propriedade. Segundo ela, o motivo principal das divergências foram as dívidas da família e a influência dos outros filhos nas questões da propriedade e do próprio modo de vida. Como ela relatou na entrevista, “várias vezes houve discussão, pois era aquela cobrança, o pessoal queria que eles tivessem melhores condições de vida, os outros filhos, nós *tava* começando e nós não *conseguia* dar melhores condições de vida para eles”. Fica explícito na entrevista que o peso da decisão em sair da propriedade e não continuar a sucessão na propriedade foi a situação financeira. Ela mostra-se muito revoltada com a família do ex-marido e enfatiza que as dívidas da família, mesmo as que não pertenciam a unidade familiar e que precisavam ser quitadas com a renda extraída da propriedade tiveram grande influência na saída deste casal. Hoje está separada, vivendo na cidade com dois filhos e é professora.

Sobre o caso 3, a entrevistada tem 46 anos, logo após o casamento foi morar com o sogro e a sogra. Sobre o relacionamento familiar, ela relata o conflito de geração explicitando que as principais dificuldades foram a mudança de hábitos e a sua aceitação no seio da nova família. Conforme relata na entrevista, “não é fácil, quando eu casei eu era nova, eu cheguei lá era tudo diferente da casa do pai, mudou, diferente de como era na casa deles e eles mandavam, nós *estava* ali próximo, o que nós *fazia* tinha que depender da aprovação deles, se você *ia* varrer

o pátio, ele, o sogro, não queria que varresse embaixo das árvores porque tirava a terra. Tudo era uma dificuldade com eles”. Relata também que a sogra era complicada, tudo tinha que ser como ela queria ou como ela fazia. A entrevistada demonstrou que preferia não divergir com a sogra nas ideias, buscava sempre evitar confusão. Não mostrou rancor em suas respostas, continua casada, residindo na cidade, tem três filhas e é a responsável pelo negócio da família.

Acerca do caso 4, a entrevistada tem 44 anos e nesta entrevista temos um diferencial, pois o sogro e a sogra foram morar na cidade, deixando a propriedade para a nora e o filho. Conta que no início era difícil, principalmente depois de três meses na casa, pois dependiam sempre do aval dos mesmos para qualquer coisa que viessem a realizar. Queixou-se de forma mais acentuada do sogro que sempre achava defeitos. Conforme relatou, “meu desagravo foi com o sogro, ele achava que eu não me desempenhava e achava que eu tinha que ser mais ativa. A saída da propriedade teve influência do relacionamento com o sogro, na realidade nós iríamos sair, mas como o marido não conseguiu nenhum emprego e eu estava grávida, daí foi dado a opinião para que eles fossem morar na cidade, já que tinha um terreno lá e nós ficamos na propriedade”.

É importante ressaltar que nesta entrevista é perceptível a relação de família patriarcal tradicional, onde as mulheres são submissas ao marido no que tange a não emancipação econômica. “O sogro sempre fazia tudo, quando você precisava de R\$ 10,00 tinha que pedir para ele, administrava o dinheiro todo, a *gente* não tinha como escolher, nem pedia se queria ou não queria, era o que ele achava que estava certo”.

Demonstrou nas respostas o conservadorismo ainda presente em muitas famílias. Interessante que nesta situação, partiu da entrevistada a ideia dos sogros ir residir no meio urbano. Atualmente mora com o marido, tem duas filhas que estudam na cidade e continuam tocando os trabalhos na propriedade.

4. CONSIDERAÇÕES E PESQUISAS FUTURAS

Considerando os aspectos demográficos de Formosa do Sul, percebe-se o significativo esvaziamento das comunidades rurais. De uma população com mais de 90% das pessoas residindo no campo, isso na década de 80 do século passado. Em 2016 temos apenas 32% da população com residência no meio rural, conforme dados da Secretaria de Saúde do referido município. Porém, a que se considerar outro aspecto, que vai além dos números, que são as pessoas que residem no núcleo urbano e que mantêm atividades nas unidades de produção no meio rural ou o inverso, as pessoas que, mesmo estando no meio rural, trabalham fora da unidade familiar. Esta condição de vivência é denominada, conforme Bagnara (2013), de pluriatividade que, dentre outros aspectos, vincula-se estritamente à condição socioeconômica da propriedade, com tamanho e fracionamento das terras por questões sucessórias. A disponibilidade de buscar atividades fora da propriedade, sem abandoná-la, e a consciência de haver oferta de mercado que absorva essa mão de obra fortalecem as pequenas propriedades rurais. É importante destacar, neste aspecto, que inúmeros trabalhadores residentes no meio rural, do município em questão, vendem sua mão de obra para empresas da região, especialmente numa agroindústria no município de Quilombo.

Considerando os depoimentos das entrevistadas, bem como as informações colhidas nas revisões bibliográficas, a sucessão na unidade de produção familiar continua sendo uma condição permeada de desafios. Um deles é a situação econômica do casal e da família extensa, outro aspecto refere-se ao tamanho da unidade de produção, que pode não suportar e manter economicamente um número maior de pessoas.

Nesta conjuntura considerados estes aspectos, o modelo capitalista impõe às pessoas, forçando-as, de maneira induzida, a deixar o campo e buscar o sonho de “fazer dinheiro” na cidade.

No que tange a relação sogra-nora, que é o foco desta pesquisa, tanto a literatura pesquisada quanto as entrevistas realizadas apontam, na maioria das vezes, para uma relação de convivência negativa, por vezes ruim e distante. Nesta ótica, essa relação apresenta mais fatores dificultadores do que favorecedores. Esta constatação, além de prejudicar a vida do casal, conforme manifestado nas entrevistas, tem contribuído significativamente na decisão de deixar o espaço de produção da unidade familiar e rumado para o meio urbano.

Ainda, considerando aspectos da literatura sobre o tema pesquisado, verificou-se ser mais facilitada a entrada de um genro na família do que de uma nora, pois as dificuldades de absorção deste novo membro no sistema familiar, se mostram com menos fronteiras.

A partir dos resultados pode-se refletir e chegar as seguintes conclusões: a) os dados foram explicitados a partir da ótica das noras; b) existe um estereótipo criado acerca da figura da sogra e isto é um elemento dificultador nas relações sociais; c) constata-se que o filho, na figura de marido, tem papel determinante na construção e mediação para que as relações entre ambas seja menos tensa; d) é relevante a continuidade desta pesquisa, buscando aprofundar ainda mais a relação sogra /nora a partir da ótica da sogra e do filho / marido neste meio.

Considerando que neste estudo de caso a pesquisa ateu-se aos depoimentos das noras, é de fundamental importância a continuidade dos estudos acerca do tema proposto, buscando estender o campo de pesquisa, afim ouvir um número maior de depoimentos, em especial a opinião das sogras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

ABRAMOVAY, R. et al. **Agricultura familiar e sucessão profissional: novos desafios**. Oeste de Santa Catarina, 2000.

ABRAMOVAY, R. (Coord.). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, Brasília: Nead/ Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

AHLERT, L. **A sucessão das atividades na agricultura familiar**. 47º Congresso Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural. Anais... Porto Alegre, 2009.

BAGNARA, M. **Representação de Mulheres Agricultoras do Oeste de Santa Catarina: pluriatividade e ambientalismo.** 2013. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2013.

BATISTA, E. (2004). **Entre o mito e o preconceito:** a figura feminina na condição de sogra sob os olhares de Fialho de Almeida e Aluizio Azevedo [resumo]. Coimbra: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Bessa, K. A. M. (2007). O papel da mulher na sociedade ao longo da história. Retirado em 21/05/2009 de <http://pt.shvoong.com/social-ciencias/sociology/1653449-papel-da-mulher-na-sociedade>.

CLEMENS, A. H. **Projeto para um Casamento Feliz.** Petrópolis: Vozes. 1996.

DURKHEIM, E. *De la división del trabajo social.* Schapire, 1973. p. 27. Texto traduzido.

FREYRE, G. **Casagrande e Senzala.** Rio de Janeiro. Record, 1997.

KAHN, F. **Amor e Felicidade no Casamento.** São Paulo: Boa Leitura. 1963.

LEITÃO, E. V. **A Mulher na Língua do Povo.** Belo Horizonte: Itatiaia. 1988.

LEONE, N. A dimensão física das pequenas e médias empresas: a procura de um critério homogeneizador. Revista de administração de empresas, São Paulo, V. 31. Nº 2, Abr./Jun. 1991.

MELLO, M. A. **Transformações sociais recentes no espaço rural do oeste de Santa Catarina:** migração, sucessão e celibato. XLIV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Anais... Fortaleza, 2006.

MENDONÇA, K. F. C.; RIBEIRO, A. E. M.; GALIZONI, F. M. **Sucessão na agricultura familiar:** estudo de caso sobre o destino dos jovens do alto Jequitinhonha, MG. XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais...** Caxambu- MG, 2008.

MDA. **Agricultura Familiar:** Primeiros Resultados, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília, DF, 2009.

ONGHERO, André Luiz. **Retratos e memórias da história de Formosa do Sul.** CEOM/Unochapecó. Chapecó, 2012.

RENK, A. **A luta da erva:** um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense. Chapecó: Grifos, 1997.

_____. **Narrativas da diferença.** Chapecó: Argos, 2004.

ROSSI, J. **Síndrome Sogra-Nora:** Uma Relação de Parentesco (Des)Conhecida. Dissertação de Mestrado Não Publicado. Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 1994.

SATTLER, M.; et. al. **Uma boa relação entre nora e sogra pode ser possível?** Pensando Famílias, 14(1), 45-62, 2010;

SILVESTRO, M. L.; et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Brasília: Epagri: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001, 120p.

WERLANG, A. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense**: atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. Chapecó: Argos, 2006.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WOORTMANN, K. **A Família das Mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1987.